

Os usos do Caderno de Práticas e Soluções: um material educativo sobre território, saúde e ambiente

The "Practices and Solutions Cookbook" and its public: a study of the uses of an educational material about territory, health and environment

Ana Paula Rodrigues Cavalcante de Paiva

Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde/ IOC
Campus Fiocruz Mata Atlântica / FIOCRUZ
anaprcp31@gmail.com

Eliane Portes Vargas

Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde
Instituto Oswaldo Cruz / FIOCRUZ
elianepvargas@gmail.com

Resumo

O Caderno de Práticas Soluções é um material educativo desenvolvido de forma participativa no Campus Fiocruz Mata Atlântica (Jacarepaguá, RJ), visando contribuir para a solução de problemas relacionados à saúde e qualidade de vida dos moradores do território. O objetivo deste trabalho é apresentar como ocorre a apropriação do Caderno pelo público ao qual se destinou. O estudo foi norteado pela metodologia qualitativa e as entrevistas semiestruturadas/audiogravadas, permitiram registrar os depoimentos dos sujeitos. Os dados apresentados apontam que o material, ainda que possua limites, contribuiu para: facilitar a experiência de aprendizado, proporcionando informação e facilitar experiências que envolveram mudança e/ou enriquecimento nos sentidos perceptivo, afetivo, ou de habilidades e atitudes.

Palavras chave: materiais educativos e de divulgação, ambiente, território, promoção da saúde, participação comunitária, conhecimentos/atitudes e prática em saúde

Abstract

The Practical and Solutions Handbook is an educational material developed in a participative way at Campus Fiocruz Mata Atlântica (Jacarepaguá, RJ, Brazil), aiming to contribute for solution of problems related to health and quality of life of territory's residents. The objective of this work is to present how the appropriation of the Cookbook by the public to which it was destined. The study was guided by the qualitative methodology and the semistructured/audiographed interviews, allowed to record the testimonies of the subjects. The data presented indicate that the material, although it has limits, contributed to: facilitate the learning

experience, providing information and facilitate experiences that involved change and / or enrichment in the perceptive, affective, or skills and attitudes.

Key words: educational and promotional materials, environment, territory, health promotion, consumer participation, health knowledge/attitudes/practice

Introdução

A produção de material educativo (ME) tem sido considerada em relação a várias temáticas no campo da saúde, sobretudo quanto aos aspectos relacionados às etapas de seu desenvolvimento, sendo apontada também a necessidade de estudos que reúnam um maior conhecimento sobre suas apropriações e uso pelo público alvo. Numa perspectiva mais abrangente, deveria contemplar o ciclo completo da produção social dos sentidos: produção, circulação e apropriação (ARAÚJO, 2006). A importância dos materiais educativos nos processos de ensino-aprendizado e de promoção da saúde tem sido discutida em alguns trabalhos (ZANON et al, 2008; NOGUEIRA et al, 2009; FREITAS E REZENDE FILHO, 2011). Em Vargas e Monteiro (2006), fica clara a importância para a área da saúde coletiva de se refletir sobre as repercussões do uso dos materiais junto à população-alvo da ação, podendo trazer novas perspectivas.

Considerando a bibliografia nacional sobre materiais no campo da saúde (CAVALCANTE DE PAIVA e VARGAS, 2015), este estudo tem por pressupostos: 1- O ME cujo desenvolvimento resulta em uma produção que incorpora a visão do público ao qual se destina, pode possibilitar maior adesão destes indivíduos; 2- O ME que possui algum significado para o público que o recebeu, pode abrir possibilidades para aprofundar no campo de uma construção teórica (GONZÁLEZ REY; 2005), que vai refletir sobre a qualidade, adequação e apropriação das informações divulgadas no material elaborado, verificando a efetividade na construção de conhecimento transformador, para a defesa da saúde (PIMENTA; SILVA LEANDRO; SCHALL, 2006) e da qualidade de vida.

Este é o caso do Caderno de Práticas e Soluções (CPS), um material educativo, que valorizou a participação e o diálogo entre os saberes científico e popular na sua concepção. O CPS foi desenvolvido no Campus Fiocruz Mata Atlântica (CFMA), localizado na Colônia Juliano Moreira (Jacarepaguá - JPA, RJ), como uma Tecnologia Social (ITS, 2004), considerando que suas ações/práticas poderiam ser realizadas e/ou apropriadas pela população e representar soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida; contribuindo assim, com a solução de problemas e demandas dos moradores da região. Participaram do desenvolvimento, diversos sujeitos como: moradores, líderes comunitários, agentes comunitários de saúde e pesquisadores da Fiocruz. Eles atuaram na concepção do material durante os Encontros Conversacionais, inspirados na construção partilhada do conhecimento (Oliveira; Valla, 2001) e na Conversação apresentada por González Rey (2005). Foram impressos 1000 exemplares do Caderno (Figura 1) e distribuídos para lideranças locais de JPA, parceiros e vizinhos do CFMA; uma versão virtual foi disponibilizada¹. Todo o processo foi descrito em Cavalcante de Paiva (2017).

¹ https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/fiocruz_caderno_digital2.pdf



Figura 1: O CPS

A experiência da construção coletiva do CPS levou a algumas reflexões e a seguinte indagação: Como ocorre a apropriação do Caderno pelo público ao qual se destinou?

Na revisão bibliográfica levantada por Cavalcante de Paiva; Vargas (2015) ficou claro que muitos autores acreditam na importância da participação dos grupos sociais durante a produção de materiais educativos; promoveram a participação do público na análise dos materiais, todavia os artigos levantados raramente contemplam o ciclo completo da produção social dos sentidos: produção, circulação e apropriação (ARAÚJO, 2006) pelo público alvo da ação educativa.

No caso do CPS, diversas dinâmicas (CAVALCANTE DE PAIVA, 2017) oportunizaram uma participação efetiva e a circulação de saberes sobre a promoção da saúde e o desenvolvimento de um material educativo; contudo, somente um retorno a esses sujeitos que participaram da construção, pôde indicar como ocorreu a apropriação do material². Portanto, o objetivo deste trabalho é apresentar os usos do CPS, analisando os elementos envolvidos na percepção do material pelo público que participou do seu desenvolvimento.

Referencial Teórico

Este trabalho se insere no âmbito da educação não formal em saúde e está preocupado com a reflexão e a inserção dos sujeitos em contextos de promoção da saúde (Buss, 2009). Pensando no desenvolvimento do CPS, seu conteúdo e sua apropriação, foram verificados pontos de convergência com alguns referenciais que serão descritos sucintamente.

O conteúdo do CPS não foi formado intencionalmente por conceitos, e sim por práticas que pudessem auxiliar ao enfrentamento dos problemas do cotidiano, promover melhoria da qualidade de vida e valorizar ações de luta política e solidária que acontecem no território. Estes aspectos do desenvolvimento do CPS se assemelham a educação não formal descrita por Gohn (2006), em ambientes construídos coletivamente, numa pedagogia social com dimensões tais como: aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos, desenvolvimento de habilidades, exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos.

² Este estudo integra a Dissertação de Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde - IOC/Fiocruz da autora (CAVALCANTE DE PAIVA, 2017) sob a orientação da pesquisadora Dra. Eliane Portes Vargas.

Outros aspectos como: espaço, tempo, organização e sistematização, coadunam com a questão da educação não formal também problematizada por Gadotti (2005). Onde a categoria espaço é tão importante quanto o tempo; sendo o último flexível respeitando as diferenças e capacidades de todos os envolvidos no processo possibilitando a flexibilidade em relação à criação e recriação de seus múltiplos espaços.

Importante pensar que espaço e território são categorias marcantes na obra de Milton Santos (2012, 2014) e se aplicam ao contexto do CPS, não apenas como o espaço físico compreendido por bairros da região de JPA. O autor entende que o espaço faz parte do dia a dia das pessoas, a casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro. Os caminhos que unem esses locais são elementos passivos que condicionam as atividades dos homens e direcionam as práticas sociais, sendo portanto, produto e condição da dinâmica socioespacial; há uma organização e arranjo do espaço de acordo com os interesses e necessidades de cada grupo. Embora o território não seja uma forma organizada e definitiva do espaço, é possível acreditar que ele corresponda ao palco onde são realizadas as atividades criadas oriundas da herança cultural do povo que ocupa este território; sendo ainda uma fração do espaço local articulada com o mundial. A configuração territorial (SANTOS, 2014) é formada por recursos naturais como no caso de JPA - rios, lagos, planícies, montanhas, florestas e dos recursos criados - hospitais, escolas, conjuntos habitacionais, via TransOlimpica.

O reconhecimento do território na escala do cotidiano, e com o entendimento da complexidade, é um caminho para a promoção da saúde (PORTO; PIVETTA, 2009). Outro caminho importante é o “empowerment” comunitário, considerando as demais instâncias de funcionamento da vida em sociedade, como: a intrapsíquica, a intersubjetiva, a familiar, a comunitária, a étnico-cultural. Assim, para Carvalho (2004), pensar esta categoria como um continuum, desde o nível do individual ao macro, passando pela de intermediação de grupos sociais, parece ser uma forma de pensar as práticas de saúde em uma perspectiva integral. É também mais do que transmitir informações e induzir comportamentos, segundo o autor, o “empowerment” comunitário deve procurar apoiar pessoas e coletivos a desenvolverem consciência crítica para poderem fazer suas análises e tomarem decisões, desenvolvendo também a capacidade de intervenção na realidade. Os sujeitos da ação na concepção de GONZÁLEZ REY (2005) se constituem nos processos de pensamento e linguagem nos quais encontram-se comprometidos através das relações em um espaço social, atuando e se expressando a partir do estado emocional de quem fala e pensa. O sujeito, portanto, é um indivíduo do pensamento, consciente, intencional, atual, interativo e emocional que não é compreendido de forma exclusiva sob aspectos cognitivos. O pensamento aqui é entendido como processo de sentido, ou seja, que atua por meio de situações e conteúdos que implicam a emoção do sujeito e sua participação, pois ele está situado em uma região da prática social. A categoria sujeito também é apresentada por Larrosa (2016) oferecendo apoio à compreensão dos entrevistados desta pesquisa. O sujeito “ex-posto” para o autor é um sujeito da experiência, que se define por sua passividade, e não por sua atividade, por sua receptividade, disponibilidade, por sua abertura e por permitir que algo se passe, aconteça, toque, afete.

Metodologia Qualitativa

As técnicas desta pesquisa envolveram procedimentos escolhidos tendo em vista dos objetivos e referenciais adotados (VICTORA et al, 2000; THOMPSON, 2000; BOURDIEU, 2012). A observação realizada no campo de pesquisa priorizou o olhar atento à interação face-a-face entre pesquisador e entrevistados no decorrer do processo de entrevista refletindo-se na organização dos dados como uma estratégia fundamental na composição do perfil dos

sujeitos, no exame dos sentidos e dos vários elementos que compõem a problemática tais como: ambientes, comportamentos, linguagens, relacionamentos e o tempo que ocorrem os processos. No entanto, o principal instrumento de coleta dos dados foi a entrevista semiestruturada audiogravada, maior detalhamento destas etapas em Cavalcante de Paiva (2017).

A participação dos entrevistados foi voluntária, observados os aspectos éticos e preservação da identidade - projeto aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa IOC/Fiocruz - Parecer N. 1.308.309.

Grupo do Estudo e Etapas do Trabalho de Campo

O grupo selecionado para participar deste estudo, foram cinco moradores e/ou líderes comunitários do território de JPA que atendiam aos critérios: participação nos Encontros Conversacionais, contribuição significativa para o desenvolvimento do material, possuir o material impresso, disponibilidade para realizar a entrevista.

1. Elaboração Roteiro de Entrevistas e Teste Piloto
2. Realização das Entrevistas/Observação
3. Transcrição das Entrevistas
4. Caracterização dos Entrevistados

Organização dos Dados

Após leitura minuciosa dos transcritos, foram definidos os seguintes eixos temáticos: usos e percepção do Caderno, território, saúde e suas correlações com qualidade de vida e ambiente. Neste trabalho, será apresentado e discutido o eixo **usos**. Segundo Fontoura (2011), os eixos temáticos são norteadores para a análise dos dados visando a construção e o delineamento de uma pesquisa qualitativa, que valorize aspectos diferenciados das experiências sociais expressas nos depoimentos individuais.

Um quadro foi montado com a identificação dos entrevistados e os respectivos trechos dos depoimentos foram agrupados por eixos temáticos. Concomitantemente, uma releitura do referencial teórico permitiu a identificação de algumas referências teóricas de autores que foram incluídos nas linhas correspondentes aos trechos dos relatos que possuíam similaridade para fins de análise e discussão.

Resultados e Discussões

No intuito de preservar a identidade dos sujeitos entrevistados, foram estabelecidos códigos e nomes fictícios. A identificação e atuação são apresentadas no Quadro 1.

Códigos	Sexo	Idade	Escolaridade	Atuação
L=Liderança Local, M=Moradora ACS=Agente Comunitária de Saúde	F=Feminino M=Masculino	a=anos		

L1	M	55a	Ens. Superior	Associação de Moradores
L2	F	63a	Ens. Superior	Movimento Social
M1	F	51a	Ens. Médio	Agricultora urbana
M2	F	46a	Ens. Médio	Trabalho Informal e Ações Sociais
ACS	F	33a	Ens. Médio	Agente Comunitária de Saúde

Quadro 1: Identificação dos Entrevistados

“Com o Caderno nas mãos, o que você fez com ele ou eles?” - foi a indagação que norteou os trechos dos depoimentos que serão apresentados. Em algumas situações, outros trechos foram incluídos, pois auxiliaram a compreender os diversos usos e percepções atribuídos ao material por seu público, contudo apareceram em diferentes trechos das entrevistas. Com relação aos usos do CPS por L1, L2, M1, M2 e ACS, observaram-se as duas dimensões descritas na literatura (KAPLÚN, 2003), compreendidas em: facilitador da experiência de aprendizado, proporcionando informação e facilitador de experiências que envolveram mudança e/ou enriquecimento nos sentidos perceptivo, afetivo, ou de habilidades e atitudes.

Os sujeitos também distribuíram o CPS, neste caso a informação foi transmitida pelos participantes através da entrega do CPS ou por indicação de alguma prática a quem tivesse o real interesse no conteúdo do material. O fator Tempo também foi importante para a concretização das práticas. Os usos do CPS, os respectivos trechos das entrevistas que os exemplificam e as discussões serão apresentadas a seguir.

Facilitador da experiência de aprendizado, proporcionando informação e inspiração

"Eu vi, li, reli de novo, e ainda tô lendo, sabe por quê? Porque agora tá no tempo do plantio, aí, o quê que eu faço? Eu pego ele e boto aqui fora (varanda) [...]. Aí ó, ele ensina tudo! Ele ensina como eliminar as pragas, esse livro é maravilhoso!"

M1, F, 51a, Ens. Médio, Agricultora Urbana

[...] A Cooperativa Esperança, [...] eles batalharam, construíram as casinhas todo mundo, a união. Eu não sabia, conheci. Ficou marcante em mim foram esses conhecimentos, trabalhos, que já aconteciam há bastante tempo e a gente não sabia."

M2, F, 46a, Ens. Médio, Trabalho Informal e Ações Sociais

Dentre os usos mais comuns e esperados de um material educativo está a consulta. Servir como fonte de informação, é gratificante saber que o seu público (M1 e M2) faz uso do material para obter informações, no caso de M1, é um uso direto para consultar alguns detalhes sobre a horta, enquanto para M2, de além da informação, ficou inspirada com a história da Cooperativa Esperança.

Facilitador de experiências que envolveram enriquecimento nos sentidos de impotência e perceptivo proporcionando reflexão

“[...] o Caderno serve para me incomodar no sentido de que: Qual a solução que eu dou para a questão do telhado? Aproveitamento da água da chuva? [...] hoje sou aposentada e sou professora, então você imagina o quanto eu ganho né? [...] Como é que eu resolvo a questão do amianto na minha casa? Então, o Caderno me incomodou pra colocar uma meta que eu preciso atingir, eu não posso ficar falando da vida dos outros, quando eu tenho uma situação de insalubridade onde eu vivo.”

L2, F, 63a, Ens. Superior, Movimento Social

L2 se sentiu tocada por sua questão insalubre e está diante de uma limitação, pensa em algumas alternativas para solucionar a questão do seu telhado, mas sua aposentadoria não permite fazer este investimento, então, por enquanto, não passa de uma meta. Embora esteja aberta à transformação, para ela a experiência revelou sua vulnerabilidade e diante de sua real condição socioeconômica descobriu a **impotência** que escapa ao **saber e à sua vontade**; de fato para Larrosa (2016), o **saber da experiência** se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana; a **experiência** é uma espécie de mediação entre ambos.

De certa forma, ao confrontar sua vida com sua prática nas comunidades está refletindo sobre o discurso prescritivo da prevenção (CARVALHO, 2004; MOROSINI et al, 2007). L2 sabe que a concretude da vida é muito mais ampla do que a doença e os seus agentes etiológicos, do que adotar ou não algumas práticas.

Facilitador de experiências que envolveram enriquecimento no sentido afetivo

“ Dando autógrafos ali nos Cadernos e as pessoas passando e pegando o Caderno e vendo a gente ali assinando, né! Então realmente foi uma sensação boa, foi gostoso. Você se sente orgulhosa, de tá ali! Participou! Ele tá ali, teu nomezinho ali, todo mundo ali vai levar sua assinatura (rs).”

M2, F, 46a, Ens. Médio, Trabalho Informal e Ações Sociais

O "orgulho" de M2 por ter participado, parece configurar a categoria de "empowerment" comunitário da promoção à saúde (CARVALHO, 2004), em especial nas dimensões subjetivas do “empoderamento”, ou seja, a presença dos micros fatores autoconfiança e autoestima encontrados no plano individual.

Facilitador de experiências que envolveram desenvolvimento de habilidades e mudança de atitude

“Olha, é a questão da horta né! Foi o que me abriu janelas pra eu conhecer outras coisas ligadas à questão do meio ambiente. [...] depois com o Caderno eu fui enveredando pra outras áreas, [...]. Ou seja, tenho a horta em casa! Faço um pouco da captação de água de chuva, não muito porque a estrutura ainda não dá, mas faço dentro do possível, [...] o adubo líquido, faço compostagem também.”

L1, M, 55a, Ens. Superior, Associação de Moradores

Pessoalmente, com L1 o CPS abriu uma janela ou um espaço para a reflexão, para a **sensibilidade e ação** (LARROSA, 2016); para além de seu envolvimento com o território e o ambiente, levando-o a repensar sua relação com a alimentação e saúde de forma mais sustentável, integral e proporcionando qualidade de vida. Em Larrosa (2016), vemos que a **experiência** é um lugar de encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova, L1 se mostra um sujeito da experiência, pois estava aberto à sua própria transformação.

Facilitador de experiências de divulgação do material

"[...] o meu marido levou um (CPS), para onde ele trabalha [...] ali no Condomínio XYZ (na Barra da Tijuca). Olha! Vou te contar menina, mas foi uma: assim, uma Revolução! Era telefonema, era os amigos dele querendo comprar, para mim foi bom, foi divulgar! As madames vinham até de carro atrás de mim. "

M1, F, 51a, Ens. Médio, Agricultora urbana

Vasconcelos (1999), afirma que "as práticas educativas precisam saber **aproveitar** os espaços fragmentados e fugazes **disponíveis no cotidiano** agitado e instável do cidadão". O CPS de alguma forma, entrou nos espaços fragmentados destas pessoas, pois não possuem quintal ou tempo para fazer horta; então, adquiriram produtos orgânicos, mais saudáveis, que já estavam disponíveis no quintal de M1.

Distribuição do material

" Eu comecei aqui no bairro a selecionar pessoas por rua que pudesse ser multiplicadores. [...]. Principalmente, aquelas pessoas que tavam pretendendo começar uma horta, né, tava com a preocupação da questão de água de chuva, algumas coisas que eram bem já imediata pro uso, né! [...] aí fui distribuindo."

L1, M, 55a, Ens. Superior, Associação de Moradores

As **relações sociais** estabelecidas pelo líder comunitário L1 e o reconhecimento do **território na escala do cotidiano** (FARIA; BORTOLOZZI, 2009), possibilitaram a identificação das necessidades dos moradores, apontando um caminho para promoção da saúde enraizada no entendimento da complexidade e das necessidades cotidianas (PORTO; PIVETTA, 2009).

Tempo: uma dimensão necessária à experiência do fazer

"[...] eu tentei dar continuidade à horta, a minha horta [...] foi coisa mesmo minha de tempo, de esquecimento, eu não dei depois continuidade, mas eu pretendo voltar. "

ACS, F, 33a, Ens. Médio, Agente Comunitária de Saúde

A falta de tempo é um dos motivos pelos quais a experiência é cada vez mais rara (LARROSA, 2016) e por isso não se pode parar.

As políticas públicas e o lugar dos sujeitos: entre os limites da ação individual e a realidade

A dessincronia entre **políticas públicas** e a **real necessidade** das pessoas, pode gerar nos líderes, o desejo de experiências que pudessem ser colocadas em prática, em suas ações concretas:

L1- *"coisas que eram bem já imediata pro uso"*

L2- *"preparar pra minha ação concreta nas comunidades"*

O conhecimento do **conteúdo** do CPS e do **interesse** do público, possibilita selecionar as práticas que têm maior chance de se tornarem **experiências**. A sociedade moderna construída sob o signo da **informação**, onde imperam a opinião, o trabalho e a falta de tempo, **carece de**

experiência. Esta, e o saber que dela deriva, são o que nos permite **apropriar-nos** de nossa vida (LARROSA, 2016).

Considerações Finais

Neste trabalho, procurou-se analisar os usos do Caderno de Práticas e Soluções a partir dos sujeitos aos quais se destinou - população adulta de JPA, visando compreender os sentidos a ele atribuídos. Ciente da complexidade que envolve o tema e a impossibilidade de abordar todos os aspectos envolvidos, o estudo apresentou alguns resultados oriundos do trabalho de campo realizado com abordagem qualitativa. Dentre as questões tratadas, trazemos para as considerações finais algumas abalizadas como relevantes para contribuição e reflexão sobre o tema.

Diante da experiência do CPS e dos depoimentos oferecidos pelos entrevistados que participaram da concepção, distribuição e se apropriaram do material, pode-se perceber de forma geral, observados os limites e algumas nuances individuais, uma contribuição para que os sujeitos: desenvolvessem habilidades para participar da vida em sociedade, tomassem consciência crítica da situação que estavam vivenciando e intervissem sobre algumas das suas realidades.

Retornar aos sujeitos foi imprescindível para conhecer suas percepções e atitudes diante do material impresso:

Leram, consultaram e divulgaram o conteúdo do CPS.

Distribuíram o material para quem pudesse fazer uso imediato realizando as práticas.

Tiveram experiências subjetivas como satisfação, orgulho, reflexão, impotência e despertar.

Entretanto, é importante considerar alguns limites observados entre o saber vinculado ao conteúdo do CPS e realizar suas experiências:

Ideal e real - distância entre o que é proposto pelo CPS e a realidade concreta dos sujeitos; mesmo uma líder se vê impotente diante dos limites individuais e possivelmente dos coletivos.

Querer e poder - o risco de responsabilizar os sujeitos ou passar informações para que mudem suas realidades, adotem práticas, quando as vulnerabilidades que os impedem, escapam ao saber e à vontade.

Este estudo aponta que no contexto da promoção da saúde, mesmo os materiais educativos construídos de forma participativa encontram limites relacionados à realidade política, social e econômica em um território desigual como Jacarepaguá. Ou seja, um material educativo construído participativamente não é um fim em si mesmo, ele possui limitações entre o saber e o fazer. Contudo, a experiência foi exitosa e possibilitou conhecer sentidos subjetivos ainda não descritos para os ME e impulsionar a continuar no caminho da educação, da promoção da saúde e da intersectorialidade para que as políticas públicas alcancem plenamente os sujeitos de Jacarepaguá.

Referências

ARAÚJO, I. Materiais educativos e produção de sentidos na intervenção social. In: MONTEIRO, S.S., VARGAS, E.P. (Org.). **Educação, Comunicação e Tecnologia**

- Educacional:** interfaces com o campo da saúde. 1 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006, p. 49-70.
- BOURDIEU, P. **A Miséria do Mundo**. 9 ed. São Paulo: Vozes, 2012.
- BUSS, P. M. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. 2. rev. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. pos. 252- 755.
- CARVALHO, M. A. P.; ACIOLI, S.; STOTZ, E. N. O processo de construção compartilhada do conhecimento: uma experiência de investigação do ponto de vista popular. In: VASCONCELOS, E. M. (Org.) **A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede popular e saúde**. São Paulo: Editora Hucitec, 2001. p. 101-44.
- CAVALCANTE DE PAIVA, A. P.R.; **O "Caderno de Práticas e Soluções" e seu público: um estudo dos usos de um material educativo sobre território, saúde e ambiente**. 2017. 120f. Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde. Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.
- CAVALCANTE DE PAIVA, A. P.R.; VARGAS, E. P. Os Materiais Educativos e seus públicos: um panorama a partir da literatura sobre o tema. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 10., 2015, Águas de Lindóia.
- FARIA, R. M.; BORTOLOZZI, A. Espaço, território e saúde: contribuições de Milton Santos para o tema da geografia da saúde no Brasil. **Espaço Geográfico em Análise**, 17, 2009, p. 31-41.
- FONTOURA, H. A. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. In Fontoura, H. A. (Org.) **Formação de Professores e Diversidades Culturais: múltiplos olhares em pesquisa**. Intertexto, 2011, p. 61-82.
- FREITAS, F. V.; REZENDE FILHO, L. A. Modelos de comunicação e uso de impressos na educação em saúde: uma pesquisa bibliográfica. **Interface**. V. 15, n. 36, 2011, p. 243-256.
- GADOTTI, M. A. Questão da Educação Formal/Não-Formal. In: **Droit à L'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?** Sion. Institut International des Droits de l'Enfant. 2005.
- GOHN, M. G. Educação não-formal na pedagogia social. In: **I Congresso Internacional de Pedagogia Social**, 1. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. 2006
- GONZÁLEZ-REY, F. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2005.
- INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL. **Caderno de Debate: Tecnologia Social no Brasil**. São Paulo: Editora Raiz, 2004.
- KAPLÚN, G. Material Educativo: a experiência do aprendizado. **Comunicação & Educação**. V. 27, maio/ago, 2003, p. 46-60.
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- MOROSINI, M. V. G. C., FONSECA, A. F.; PEREIRA, I. B. Educação e Saúde na Prática do Agente Comunitário. In: MACEDO, M. C.; STAUFFER, A. B. (Org.). **Educação e saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV / Fiocruz, 2007.
- NOGUEIRA, M., MODENA, C.; SCHALL, V. Materiais educativos impressos sobre saúde sexual e reprodutiva utilizados na atenção básica em Belo Horizonte, MG: caracterização e algumas considerações. **RECIIS**. V. 3, 2009, p. 169-179.
- OLIVEIRA, R. M. D.; VALLA, V.V. Living conditions and life experiences of working-class groups in Rio de Janeiro: rethinking dengue control and popular mobilization. **Cadernos de**

Saúde Pública, 17, 2001, p. 77-88.

PIMENTA, D.N.; SILVA LEANDRO, A.M.; SHALL, V. T. Experiências de desenvolvimento e avaliação de materiais educativos sobre saúde: abordagens sócio-históricas e contribuições da antropologia visual. In: Monteiro, S.S.; Vargas, E.P (org.). **Educação, Comunicação e Tecnologia Educacional**: interfaces com o campo da saúde.1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p. 87-112.

PORTO, M. F. S.; PIVETTA, F. Por uma promoção da saúde emancipatória em territórios urbanos vulneráveis. In: Czeresnia, D.; Freitas, C. M. **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009, p. 207-229.

SANTOS, M. **Por uma nova geografia**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 2012.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 2014.

VASCONCELOS, E. M. **Educação Popular e a Atenção à Saúde da Família**. São Paulo: HUCITEC, 1999.

VICTORA, C. G., KNAUTH, D. R.; HASSEN, M. N. A. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

ZANON, D. A. V., GUERREIRO, M. A. S.; OLIVEIRA, R. C. Jogo didático ludo químico para o ensino de nomenclatura dos compostos orgânicos: projeto, produção, aplicação e avaliação. **Ciência & Cognição**. V. 13 (1), 2008, p. 72-81.